



# VII Congresso Brasileiro de Hispanistas

N - 312715

ARL  
33

# ATAS

*Organizadores*

*Adrián Pablo Fanjul*

*Ivan Rodrigues Martin*

*Margareth Santos*



**ABH**

Associação Brasileira de Hispanistas

# ATAS

## do VII Congresso Brasileiro de Hispanistas

*Organizadores*

*Adrián Pablo Fanjul*

*Ivan Rodrigues Martin*

*Margareth Santos*

São Paulo, 2013



**ABH**

Associação Brasileira de Hispanistas



Copyright © 2013 dos autores

Catálogo na Publicação (CIP)  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C749 Congresso Brasileiro de Hispanistas (7. : 2012 : Salvador, BA).  
Atas do VII Congresso Brasileiro de Hispanistas [Salvador, BA, 3 a 6  
de setembro de 2012] [recurso eletrônico] /organizadores: Adrián Pablo  
Fanjul, Ivan Rodrigues Martín, Margareth Santos. – São Paulo : ABH,  
2013.

18.291 Kb

ISBN 978-85-66188-01-1

1. Literatura hispano-americana (História e crítica). 2. Literatura  
espanhola. 3. Língua espanhola (Estudo e ensino). I. Fanjul, Adrián  
Pablo. II. Martín, Ivan Rodrigues. III. Santos, Margareth. IV.  
Associação Brasileira de Hispanistas. V. Título.

CDD 868.909



N. 312715

ARL  
245

## O AGUIRRE POSSEANO: TIRANO OU LIBERTADOR?

Regina Simon da Silva

UFRN

Cuando, en las lóbregas noches de Barquisimetro y Burburata (Venezuela), emergen de las grietas de la tierra verdosas lenguas de fuego que corren cual fuegos fatuos por los prados sin quemarlos y "copos de luz fosfórica vagan y se agitan a los caprichos del viento", los rudos campesinos se los muestran a sus hijos y les explican que son el alma errante del "tirano Lope de Aguirre, que no encuentra dicha ni reposo sobre la tierra".

Rosa Arciniega – *Dos rebeldes españoles en el Perú*

No país onde este conquistador encontrou a morte, sua lembrança permanece viva, uma vez que, através de contos e na educação familiar, os pais ameaçam "a los niños para que se porten bien, si no, viene el 'coco' Aguirre" (GNUTZMANN, 1991, p. 135).

Lope de Aguirre (1511?-1561) nasceu em Oñate – Guipúzcoa – informação obtida do próprio Aguirre no começo de sua famosa carta ao Rei Felipe II, onde se identifica como "Lope de Aguirre, tu mínimo vasallo, Cristiano viejo, de mediados padres y en mi prosperidad hijodalgo, natural de Oñate..." (AGUIRRE, 1963, p. 218).

Várias são as crônicas publicadas que narram a Jornada de Omagua y Dorado, chefiada pelo governador Pedro de Orsúa, da qual Lope de Aguirre participou, e todas são unânimes em apresentá-lo como um perverso tirano: "era tan cruel y malo este tirano, que a los que no le habían hecho mal ni daño, los mataba sin causa ninguna" (ALMESTO, 1986, p. 178). Lope de Aguirre foi e continua sendo até hoje "el Espíritu Diabólico del Mal" (ARCINIEGA, 1946, p. 278). Mas será que o era realmente?

Segundo Isabel Alicia Quintana (1997, p. 163), a crítica historiográfica até hoje não conseguiu chegar a um consenso: "para algunos, Aguirre es un traidor a la corona, un ser diabólico (un caso patológico de rebeldía genética) mientras que otros sostienen que es la primera expresión de la lucha por la independencia americana".

Nota-se, com base nesta citação, que a opção entre uma destas alternativas depende do ponto de vista do observador: se está do lado do vencedor ou do lado do vencido.

Após leituras sobre o processo de conquista espanhola na América nos perguntamos: teria sido Aguirre mais cruel do que Hernán Cortés no massacre de Cholula na conquista do Império asteca? Ou o que dizer de Francisco Pizarro e a chacina de Cajamarca na conquista dos incas? Quem é o mais cruel? Que diferença há entre estes assassinatos que transformaram Cortés e Pizarro em heróis e Aguirre em um "perverso tirano"?

Percebe-se claramente que a diferença está nas vítimas que sofreram tais covardias. Cortés e Pizarro



mataram índios, enquanto a maior parte das vítimas de Aguirre eram de cidadãos espanhóis (o que não significa que ele também não tenha matado índios).

Cortés e Pizarro saíram vencedores e propiciaram à Espanha riquezas incalculáveis, enquanto Aguirre foi derrotado no seu propósito de Independência e o El Dorado nunca foi encontrado.

Devido a estes percalços Lope de Aguirre tem sido investigado sempre de forma inconciliável, “con pasión o con desprecio [...] se le ha defendido o vilipendiado, según las simpatías del observador de sus acciones” (ARCINIEGA, 1946, p. 277).

Buscando uma conexão entre Aguirre e o outro rebelde espanhol analisado no livro de Arciniega – Gonzalo Pizarro – observamos que a autora destaca uma série de rebeliões ocorridas no Peru, anteriores à protagonizada por Aguirre, que tiveram como consequência a morte dos líderes insurgentes. Segundo a autora, nestas batalhas Aguirre sempre esteve do lado do Império Espanhol.

Conforme Arciniega, a sublevação de Gonzalo Pizarro foi um germe, uma semente que proliferou por toda a América, principalmente no Peru, e começou a dar frutos prejudiciais ao projeto de colonização da América. Historicamente, este feito representa “los primeros síntomas ostensibles del grito independentista que cuajaría, siglos más tarde, por toda la amplitud del Continente” (ARCINIEGA, 1946, p. 265).

O que não fizeram Gonzalo Pizarro, Francisco Hernández Girón, entre outros que se rebelaram contra o governo espanhol, Aguirre o fez: declarou-se independente da Espanha, juntamente com seus companheiros “marañones”:

He salido de hecho con mis compañeros, cuyos nombres después diré, de tu obediencia, y desnaturalizándonos de nuestra tierra que es España, para hacerte la más cruel guerra que

nuestras fuerzas pudieran sufrir; y esto, cree rey y señor, nos ha hecho hacer el no poder sufrir los grandes pechos, premios y castigos injustos que nos dan tus ministros, que por remediar a sus hijos y criados han usurpado y robado nuestra fama y honra, que es lástima Rey el mal tratamiento que se nos ha hecho (AGUIRRE, 1963, p. 219).

Devido a sua ousadia e perversidade Aguirre foi morto e esquartejado, partes de seu corpo foram levadas a distintas partes do Continente, como demonstração do que acontece a quem trai o Rei da Espanha.

A Audiência de Santo Domingo condenou sua fama e memória para sempre: “Felipe II, el severo Rey de España, prohibió citar su nombre bajo las penas más severas y ordenó que se destruyeran sus escritos a fin de que la posteridad lo ignorase” (ARCINIEGA, 1946, p. 273). Todavia sua fama correu de boca em boca, de forma oral, em representações públicas sob a forma de drama histórico, tanto na América quanto na Península Espanhola.

Contrários a esta visão que depõe contra a imagem de Aguirre, e, portanto, consoantes com seu espírito rebelde, um grupo de “amigos” do conquistador se reuniu no dia 29 de outubro de 1961, para comemorar o IV Centenário da morte de Aguirre, ou melhor, de seu assassinato.

Trata-se de um grupo de homens vizcaínos, assim como Aguirre. Não é difícil, portanto, encontrar certa familiaridade entre estes compatriotas; o germe da independência vem de longa data, uma vez que “todos le admiramos por su espíritu de rebeldía que late sofocado en nosotros, por múltiples circunstancias” (BUSCA ISUSI, 1963, p. 79).

Todos os presentes no encontro buscam compreender a conduta de Lope de Aguirre sem a intenção de justificá-la. Procuram calibrar a sua personalidade com base no ambiente em que ela foi moldada, um clima de forte tensão, guerras, assassinatos e traições. Afinal, segundo Martín Santos



(1963, p. 172), “ninguno de nosotros es absolutamente normal, todos tienen en sí un germen de posible patología y su desarrollo puede llegar a producirse o no según las circunstancias en que se encuentre cada uno”. Sendo assim, destacamos como ápice da loucura o momento em que Aguirre mata sua filha para que não sofresse abusos sexuais, para que ela não fosse “colchão de velhaco”, para que não a tratassem como filha de traidor, demonstrando, com isso, o amor que ele sentia por ela. Se denominamos o sentimento de Aguirre pela filha como amor é com base nas crônicas historiográficas que, pelo menos neste aspecto, não denigrem a imagem do Conquistador. Vejamos o que diz a crônica de Alместo:

...y así, luego el tirano perverso, viéndose casi sólo, desesperado el diablo, en lugar de arrepentimiento de sus pecados, hizo otra crueldad mayor que las pasadas, con que echó el sello a todas las demás; que dio de puñaladas a una sola hija que tenía, que mostraba quererla más que a sí (ALMESTO, 1986, p. 217).

Aguirre, ao contrário de tantos outros conquistadores, não se esquivou da função de ser pai de uma mestiça; sempre a manteve junto a ele, propiciando-lhe uma criada que a atendesse no crescimento e educação.

Seus “amigos” lamentam que os detratores de Aguirre sejam exatamente seus cronistas e historiadores, detentores da “verdade”, e seus apologistas, homens comuns, sem respaldo para a história. Por isto, com frequência, apoiam-se nas cartas deixadas por Aguirre, cujo teor, “este sí, no deformado por los historiadores” (URÍA, 1963, p. 93).

Desde um ponto de vista americanista veem-no como precursor da Independência da América, o primeiro a pensar na América livre; porém, em um tempo que não estava maduro suficientemente para acolhê-lo. Associam as suas ideias às do Libertador Bolívar:

...él –de forma consciente y divulgándolo estruendosamente– se había erigido en un libertador: en el primer libertador de las Indias Occidentales. Libertador frustrado, pero libertador al fin. Trescientos años después de un fracaso, Bolívar [sic] encarnó en su memoria triunfante, sumió a España en el ostracismo entre las naciones y en el horror de una permanente guerra civil (PEÑA BASURTO, 1963, p. 193).

Transcorridos quase quatrocentos e cinquenta anos de sua morte e mesmo com todo o esforço investido para apagar a sua memória, com proibições, ameaças e maldições lançadas contra a sua descendência, tornando-os indignos de toda honra e dignidade, “¿qué han conseguido? Nada. Al cabo de 4 siglos estás más vivo y coleteante que nunca. Se vive mientras uno y se mantiene vivo en el recuerdo de nuestros descendentes” (AMÉZAGA, 1963, p. 160).

A figura de Lope de Aguirre não deixou de ser lembrada pelo mundo literário.<sup>1</sup> Frequentemente ele aparece em produções artísticas até os nossos dias, como é o caso de *Daimón*, nosso *corpus* de análise.

Acreditamos que o estudo desenvolvido até o momento nos ajudará na análise do Aguirre posseano. Procuraremos observar a caracterização deste personagem para ver se o Aguirre ficcional também apresenta as duas faces: a de tirano e a de libertador. Para tal é importante verificar o momento da escritura da carta, considerada como único documento não violado pela história, como vimos anteriormente.

O narrador indica uma marcação temporal que sugere o tempo em que Aguirre esteve na tumba e relata que, ao “ressuscitar”, ordena ao escrivão que lhe anote com a melhor letra “esta segunda declaración que le envía don Lope de Aguirre, no habiendo tenido respuesta de su primera, fechada en el Imperio Marañón hoy hace justo once años del tiempo de su propia condena y vil ejecución” (POSSE, 1991, p. 22). É importante observar que não se trata





da mesma carta. Entre a escritura de uma e outra se passaram onze anos, durante os quais Aguirre permaneceu firme no seu propósito de Independência: “escribes que vuelvo a llevarle guerra, como entonces, de Príncipe a Príncipe (POSSE, 1991, p. 23). Não obstante, uma sutil diferença é incluída pelo narrador, dando a entender que no seu retorno algo mudou, menos a sua condição de traidor: “esta es la *jornada de América*. Voy con mis verdugos y mis víctimas por estas tierras fantásticas. Vuelvo a firmar la carta con mi título de Traidor, que no es fácil conquistar. Porque debo de traicionaros para poder ser Rebelde” (POSSE, 1991, p. 23, grifo nosso).

A versão apresentada para a morte da sua filha Elvira, considerada a maior tirania perpetrada por Aguirre, coincide com a mostrada anteriormente: foi para protegê-la. O texto sugere o perdão da filha e o agradecimento por esta demonstração de amor é sentido na metáfora das manchas de sangue: “las dos heridas que le había infligido (para protegerla del mal de la vida) en aquella memorable tarde del 27 de octubre de 1561 habían cuajado en dos manchitas rojas, dos alegres lunares” (POSSE, 1991, p. 52).

O narrador busca sempre um diálogo com as crônicas. Assim, o Aguirre ficcional procura saber o que dizem sobre ele, sobre a sua fama e memória. As informações obtidas sugerem certo esquecimento: “¡la verdad es que uno ha oído algo, algo ha oído!” (POSSE, 1991, p. 85); lembram de sua tirania: “dicen señor, que os escuartejaron y que muchos de nosotros fuimos muertos de tu mano, como es verdad” (POSSE, 1991, p. 97); revelam que virou motivo literário: “parece que han escrito tu historia. Te han hecho vivir, matar, morir, en los libros”; que é invocado por bruxas: “las brujas de Nueva Granada te invocan en la noche del 16 de junio. Se te nombran en macumbas de todo lo que sea Caribe, isla Margarita y sus bordes” (POSSE, 1991, p. 97); mas não mencionam que foi o libertador do primeiro território livre da América, Príncipe do Império Maranhão.

Esta constatação deixa Aguirre indignado, ferido no seu orgulho. Por isso ordena ao escrivão que escreva nova carta. O contexto dessa nova carta indica um Aguirre “mordido” pela América; algo novo aconteceu, sua rebeldia é consciente e em defesa do povo americano, um discurso americanista, para sermos mais precisos. A citação é extensa, mas é uma gratificante leitura:

...prosigo mi Jornada en rebeldía, al frente del Imperio Marañón, primer territorio libre de América. [...] Os digo, Dignísimo Señor, que a este gigante de las Indias, que es América, sólo la tenéis tomada por el borde y que es tan enorme, impenetrable e invencible que pronto os caerá sobre vuestros reales pies. Os informo que nadie puede ni podrá con esta tierra. Su alma late bajo los pantanos, se esconde en las altísimas cumbres, huye al fondo de bosques de espesura inimaginable. Cuando tus hombres corran detrás de ella, se transformarán para siempre y no te reconocerán más. Os digo que vuestro imperio sobre estas tierras es ilusorio, mera escritura anotada en el agua. Se equivocan tus consejos del Santo Oficio: es justo que estas tierras estén más de parte del Demonio que de Dios; porque si fue en nombre de Dios que estas gentes padecieron tu azote, por demás claro está que prefieran probar del lado del Demonio. Estos pueblos no están conquistados aunque sí temporalmente vencidos, vaciados de su vida propia, de su alegría, amenazados por tu piedad y tus progresos. Sus dioses siguen vivos, os lo digo Dignísimo Señor, y viven de la forma más fuerte: en el corazón de la gente... (POSSE, 1991, p. 99-100).

No princípio do romance, com muita sutileza, o narrador resume em poucas linhas o que pretendemos desenvolver neste artigo. Esta informação quem nos dá é o judeu Lipzia: “...otros dicen que después de las crueldades de Sacsahuamán los amautas de Cuzco te embrujaron: dicen que te condenaron a vivir y a que te vuelvas indio, para que veas lo que se siente...” (POSSE, 1991, p. 20).

O narrador mostra um Aguirre surpreso ao encontrar, no meio de tantos assassinados, um grupo de índios: “...en una ola roja y silenciosa, el ejército de índios e incas degollados en Cuzco y Cajamarca. ¡Era terrible! ¡No sólo habían tenido alma, como lo



estableciera el discutido Concilio, sino que además se permitían una vida ultraterrena!" (POSSE, 1991, p. 27).

Aguirre não gosta de tudo o que vê. O narrador começa a mostrar sinais de mudança no protagonista: "...por primera vez en sus largas vidas se sintió americano. Al menos con el rencor del americano y ese cierto orgullo vegetal y paisajístico que con el tiempo sería confundido con mero folklorismo" (POSSE, 1991, p. 100).

A transformação do Aguirre posseano se dará quando este, depois de viver todo o prazer proporcionado pela carne ao lado de Sórora Ângela, e, em sua companhia, são guiados por Huamán a Machu Pichu, cidade sagrada dos incas, espaço cósmico que "trama la increíble alianza de los muertos con los vivos" (POSSE, 1991, p. 149) e que emana energia capaz de "liberar" a alma do seu passado, possibilitando a que Aguirre realize uma viagem iniciática a outras dimensões, admitindo como guia espiritual um xamã inca.

Diante da poderosa montanha Aguirre ajoelha-se e beija a terra sagrada arrancando um comentário do narrador e o espanto da pequena freira: "Machu Pichu, la luminosa, había hecho morder el polvo al Conquistador" (POSSE, 1991, p. 150).

O ambiente sagrado impõe respeito, provocando mudanças no comportamento do casal durante as refeições: "terminado el cuís a la parrilla ella no se chupaba los dedos y Aguirre, delicadamente, se abstenía de eructar" (POSSE, 1991, p. 151).

Transcorridos dois anos nas altas montanhas, instruído por Huamán na sabedoria incaica, Lope de Aguirre começa a comparar os prazeres de antes com o que a vida lhe oferecia agora e o presente leva vantagem:

...ni las emociones de la guerra, de la traición, del crimen, ni el terrorismo voluntario de las apuestas de caballos o de cartas. Nada, nada igual. "¡Nada

como esto, niña! ¡Esta magia! ¡Pero vamos, que no vengan palabras!" Comprendió que estaba realmente en el Paraíso. "Es El Dorado, es Paytiti y todo el Perú! ¡Y todas las amazonas, todas las botas sin clavos, todas las camas secas del mundo!" (POSSE, 1991, p. 164).

Todavía "las fugaces imágenes que se producían en el espacio sagrado de Machu Pichu" (POSSE, 1991, p. 166) indicam a Aguirre que a América estava vivendo uma etapa excepcional, Bolívar já surgira no cenário como libertador e ele, o Rebelde Aguirre, seguia isolado nas altas montanhas. Sentiu que a vida conjugal já não o satisfazia mais, era hora de voltar a ver gente. Deixa um bilhete para sórora Ângela e abandona a sagrada montanha. Mas quando a deixa percebe que fatos importantes haviam passado na América. No entanto, ele já não era o mesmo, "el viejo se sentía inclinado a una mayor comprensión. Era como si hubiese subido español y bajado americano" (POSSE, 1991, p. 168), transformação que ainda não é profunda, portanto, incompreensível para ele, fato que o levará de volta a Machu Pichu.

Para nós este ato é a confirmação de que o Tirano estava mais humano. Não precisava esperar mais para aceitar o ritual indígena do autoconhecimento sugerido por Huamán: "durante meses Aguirre bebió con coraje las leves dosis que le daba el amauta [...] se fue hundiendo en el terrible territorio de lo Peor... temía perder la identidad" (POSSE, 1991, p. 207).

Enfim Aguirre descobre "Lo Abierto". Por meio da "ayawasca", Huamán havia transformado o Peregrino, seu "blanquiñoso prurito del hacer estaba quebrado en su base, su sudamericanidad era ya casi completa" (POSSE, 1991, p. 213). Aguirre havia perdido parte da identidade espanhola.

A transformação sofrida por Aguirre é a prova de que Posse opta pela humanização do tirano e pode ser configurado como uma metamorfose, um ciclo





de transformações que começam a ocorrer quando Aguirre adentra a montanha sagrada, o grande casulo.

A imprecisão formulada pelos índios de que um dia ele seria como um deles se confirma com Huamán: “se ve que estás en Lo Abierto. Has caído por fin en el estar. Serás como nosotros: te arruinarás un poco pero habitarás lo profundo” (POSSE, 1991, p. 214).

Após a descida da montanha a narrativa é povoada de intertextos e informações de toda índole. O narrador descreve a viagem de Aguirre por todo o Brasil através de sua literatura, visitando grandes obras como *Os sertões* e *Grande sertão veredas*. Dirige-se à floresta, seu antigo habitat e se entristece ao ver as terras das Amazonas destruídas pela poluição trazida pela exploração da borracha. Em Manaus fica extasiado com o progresso e o brilho das luzes, em contraste com a miserável favela.

Vê, animado, a chegada da República, mas crítica a solução encontrada para substituir a mão de obra indígena, que não abandonava o culto do “estar” e a dispersão mágica e dançante dos negros, com a importação de novos europeus, que “se lanzaban a América, como antes los Conquistadores, para hacer todo lo que no habían podido hacer ni ser” (POSSE, 1991, p. 243).

Dos quinhentos anos que a narrativa abarca, esta era a terceira vez que o destino o unia a sua amante. O espírito da Mora – primeira encarnação – desfrutou de cada etapa da vida de Aguirre: o conquistador, o momento de transição em busca do autoconhecimento e agora, o americanizado.

O velho Aguirre estava muito feliz e seu pensamento o levou a recordar uma frase de Cagliostro que dizia: “Antes de morir y durante la muerte al hombre le son saciados todos sus deseos. Nadie muere deseando algo. Es el privilegio del hombre, pero también su límite” (POSSE, 1991, p.

262). Aguirre pressentia o seu fim e com o tempo passou a sentir a própria morte, quando foi surpreendido pela confissão da Mora, de que a Cigana era só um disfarce, ela “estaba enrolada en los grupos revolucionarios de Diego de Torres” (POSSE, 1991, p. 266), e o convidava a fazer parte do grupo revolucionário, a lutar pela América. Aguirre aceita, mas omite sua verdadeira intenção, traír o líder revolucionário Diego de Torres e reconquistar o poder: “¡Qué va a decir el Torres al verme llegar, ese puritano! En seguida lo pondremos en su lugar...” (POSSE, 1991, p. 268). O espírito de traidor não o havia abandonado.

Não obstante, Aguirre não verá o resultado de suas pretensões, pois o romance termina bruscamente, em um banquete festivo com a amada. Como uma cena de Rabelais, Aguirre encontra a morte ao engasgar-se com um osso da sorte de um pato.

Com a supressão do tempo real e cronológico a narrativa permite a união do passado com o presente. Vendo-os inscritos simultaneamente, torna-se mais compreensível a realidade latino-americana, porém não menos dramática e dolorosa. É possível sentir que a exploração e a luta pelo poder na América Latina, instauradas com a chegada do europeu, seguem o seu curso, o Peregrino continua a sua jornada. Como nos diz Esteves (2001, p. 84), “encerra-se um ciclo e principia-se outro, continuando a girar a roda da história”.

Encerramos a “Jornada de América” do Aguirre posseano, na esperança de que o peregrino faça jus a sua nova condição adquirida e que, como transculturado e rebelde, pois não abandonou sua característica predominante, ele possa lutar por esta América, tão farta de utopias dos “outros” e ao mesmo tempo tão duramente real para os humildes que nela habitam. É uma utopia, mas como viver na América sem utopia, se desde a chegada dos primeiros europeus essas terras se viram impregnadas delas?



## Referências bibliográficas

- AGUIRRE, Lope de (1963): Cartas. Em: *Lope de Aguirre descuartizado*. San Sebastián: Ed. Auñamendi.
- ALMESTO, Pedrarias de; CARVAJAL, Gaspar; ROJAS, Alonso de (1986): *Crónicas de América: la aventura del Amazonas*. Madrid: Ed. Héroes.
- AMÉZAGA, Elías (1963): Diste tus derechos al hombre. Em: *Lope de Aguirre descuartizado*. San Sebastián: Ed. Auñamendi.
- ARCINIEGA, Rosa (1946): *Dos rebeldes españoles en el Perú: Gonzalo Pizarro y Lope de Aguirre*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana.
- BUSCA ISUSI, F. M. (1963): Lope, el vasco. Em: *Lope de Aguirre descuartizado*. San Sebastián: Ed. Auñamendi.
- ESTEVEZ, Antonio Roberto (2001). Em: IZARRA, Laura P. Z. de (org.). *A literatura da virada do século: fim das utopias?* São Paulo: Ed. Humanitas / FFLCH – USP.
- MARTÍN SANTOS, Luis (1963): Lope de Aguirre ¿loco? Em: *Lope de Aguirre descuartizado*. San Sebastián: Ed. Auñamendi.
- PEÑA BASURTO, Luis (1963): Lope de Aguirre visto por sí mismo. Em: *Lope de Aguirre descuartizado*. San Sebastián: Ed. Auñamendi.
- POSSE, Abel (1991): *Daimón*. Argentina: Ed. Emecé.
- QUINTANA, Isabel Alicia (1997): Aguirre y la nave de los locos. Em: *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Nº 46, p. 163-175.
- URÍA, Juan Ignacio (1963): Lope de Aguirre, intento de aproximación a un mito entre tres citas y unas glosas. Em: *Lope de Aguirre descuartizado*. San Sebastián: Ed. Auñamendi.

## Notas

- 1 Fizemos uma busca rápida sobre obras que trazem Aguirre como personagem, portanto devem existir outras não mencionadas na lista: *La araucana* (1569), de Alonso de Ercilla; *Las tradiciones peruanas* (1872), de Ricardo Palma; *Las inquietudes de Shanti Andía* (1911), de Pio Baroja; *Tirano Banderas* (1927), de Ramón del Valle-Inclán; *Las lanzas coloradas* (1931), e *El camino de El Dorado* (1947), de Arturo Uslar Pietri; *La aventura equinocial de Lope de Aguirre* (1964), de Ramón Sender; *Lope de Aguirre, Príncipe de la libertad* (1979), de Miguel Otero Silva, *Daimón* (1978), de Abel Posse e o filme *Aguirre, a cólera dos Deuses*, de Herzog.

